

Dossiê Ensino de Sociologia

Sociologia no Ensino Médio, culturas juvenis e cinema: possibilidades de Ensino e Pesquisa

Juliane Queiroz Odinino¹

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade refletir sobre os possíveis usos da produção audiovisual, com ênfase na linguagem cinematográfica, no contexto do ensino de sociologia no nível médio da educação básica. Para tanto, busca-se problematizar a(s) construção(s) social do(a) jovem permeada pela maciça influência das mídias nas configurações identitárias desses grupos, sobretudo o cinema como possibilidade de expressão, manifestação e reflexão. Assim, torna-se imprescindível tanto retomar alguns pressupostos histórico-sociais orientadores do ensino de sociologia nesta etapa da educação básica, bem como conceituar o e problematizar a relação entre produção audiovisual e culturas juvenis. A partir do intercruzamento entre o ensino de sociologia e a problemática das mídias, busca-se levantar os pressupostos metodológicos acerca do tipo de formação almejada pelas reflexões trazidas nesta disciplina, tendo a figura do(a) adolescente do Ensino Médio em sua identidade midiática cultural, o princípio norteador de tais práticas. Finalmente, o propósito é o de lançar mão de estratégias comunicativas entre adultos e adolescentes, a luz do olhar sociológico, fazendo uso do cinema pela via da produção e da recepção juvenis.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas Juvenis. Cinema. Produção Audiovisual. Ensino de Sociologia. Ensino Médio.

Sociology in high school, youth culture and cinema: possibilities of education and research

ABSTRACT

This article aims to reflect on the possible uses of audiovisual production, with emphasis on film language, in the context of teaching sociology at the secondary level of education. For that, it seeks to problematize the social construction of youth permeated by the massive influence of media on identity configurations of these groups, particularly the cinema as possibility of expression, manifestation and reflection. Thus, it is essential both to rethink some social-historical assumptions that guide the teaching of sociology at this stage education, as well as conceptualizing and discussing the relationship between audiovisual production and youth cultures. From the crossing between the teaching of sociology and the question of media, we seek to bring up the methodological assumptions about the type of education desired by the reflections made in this discipline, having

¹ Cientista social (licenciatura), mestre em Sociologia, ambos pela Unicamp, doutora em Ciências Humanas (UFSC). Atua na formação de professores/as, nas disciplinas de Sociologia e Antropologia.

the figure of the high school teen in its cultural media identity, the guiding principle of such practices. Finally, the purpose is to make use of communication strategies among adults and adolescents, in the light of the sociological view, making use of cinema via the youth production and reception.

KEYWORDS: Juvenile Cultures. Picture Show. Audiovisual production. Teaching Sociology. High School.

1. Apresentação e objetivos

Historicamente observa-se que o ensino de Sociologia no ensino médio tem buscado compreender os desafios do mundo contemporâneo, de modo a preparar o (a) aluno (a) a lançar mão de um olhar do tipo sociológico frente aos problemas sociais que os cercam. No entrecruzamento entre os objetivos da disciplina e o universo cultural dos (as) jovens parece haver um hiato, uma vez que a presença das mídias e das tecnologias, enquanto fenômenos sociais não têm de fato tido a mesma atenção como outras categorias como trabalho, classes sociais e Estado por exemplo. Assim, as culturas juvenis permeadas pelas mídias estão perdendo a oportunidade de serem encaradas como objetos de estudo da Sociologia em detrimento de outros saberes sociológicos que aparecem na maioria das vezes “desconectados” das realidades dos (as) estudantes do ensino médio. O objetivo deste artigo é lançar mão de inovadoras possibilidades de uso das mídias, em especial, do cinema no contexto da disciplina de sociologia como forma de estreitar os laços comunicativos entre professores (as) e alunos (as) e de promover um espaço para se pensar coletivamente certas categorias sociológicas. Efetivamente, com a mediação dos filmes é possível pensar sociologicamente tanto através de seus conteúdos propriamente ditos, quanto pela reflexão de seu uso e seu papel social bem como pela problematização de seus contextos de recepção, apropriação e produção de saberes.

Em relação à especificidade da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, o que se observa é que devido à sua intermitência institucional esta não chegou a um conjunto mínimo de conteúdos sobre os quais haja unanimidade dentro de uma comunidade de professores (as). Como apontam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio: “Essa aparente desvantagem da Sociologia em relação a outras disciplinas escolares – não ter um *corpus* consensualmente definido e consagrado – pode se revelar uma vantagem, no entanto” (BRASIL, p. 116, 2006). O mesmo documento aponta para a suposta liberdade conferida ao(à) professor(a) na escolha dos conteúdos a serem trabalhados, preocupando-se tão somente em não perder de vista o rigor sociológico. Apesar deste contexto, o texto chama a atenção para três tipos de recortes recorrentes nas propostas curriculares oficiais, nos

livros didáticos e mesmo nas práticas docentes: *conceitos, temas e teorias*. “(...) esses recortes se referem às três dimensões necessárias a que deve atender o ensino de Sociologia: uma *explicativa* ou *compreensiva* – teorias; uma *linguística* ou *discursiva* – conceitos; e uma *empírica* ou *concreta* – temas” (idem, p. 117). Segundo Moraes e Guimarães (2010) agregam-se a esses os princípios epistemológicos da pesquisa e do ensino de Ciências Sociais²: o estranhamento e a desnaturalização dos fenômenos sociais.

Nesta mesma direção, Silva (2010) aponta para a importância da Sociologia na elaboração de conteúdos e metodologias de ensino sintonizadas com os sentidos do Ensino Médio, da juventude e das escolas. Tendo em vista a centralidade dos conteúdos midiáticos no imaginário dos (as) adolescentes e na configuração de suas identidades como apontam diversos autores(as) (STEINBERG; KINCHELOE, 2004; BUCKINGHAM, 2000; RIVOLTELLA, 2006; BORELLI, 2008), configura-se bastante oportuno trazer tais temáticas para o cotidiano escolar, sobretudo pelo caráter problematizador das realidades sociais inerente à abordagem sociológica. Em decorrência, a abordagem da produção audiovisual e dos conteúdos midiáticos nos remete a reconhecê-los enquanto fenômenos sócio-culturais, portanto submetidos aos procedimentos de estranhamento e de desnaturalização já mencionados.

Ao tomar produções tais como vídeos, cinema, televisão como objeto de estudos do campo sociológico, em linhas gerais, enseja-se conciliar os dois níveis que se interpenetram: o estudo crítico e estético-moral do campo dos discursos e das linguagens audiovisuais, dado seu caráter ideológico e na maioria dos casos mercadológico; e também a concepção do sujeito-receptor ativo, conhecedor e criativo que seja capaz não somente de ter uma visão crítica sobre tais conteúdos midiáticos, mas que se sinta instigado a produzir suas próprias mídias, compreendidas como formas de expressão, ou seja, como linguagem. Os campos de estudos da mídia e da educação tornam-se ainda mais pertinentes para este campo mediante o reconhecimento do papel do conhecimento e da informação nos processos de desenvolvimento econômico e nos processos de democratização política e social, conforme defende Martin-Barbero (2011). Novamente confirma-se a importância do desenvolvimento do olhar sociológico e antropológico em meio ao bombardeio imagético a que todos estão sujeitos, sobretudo em se tratando da concepção do (a) estudante como sujeito do processo de ensino-aprendizagem e como pesquisador(a) que atua junto com o(a) professor(a); ideia tão defendida pelas teorias críticas e pós-críticas de currículo (SILVA, 2010, p. 33).

² Os autores mencionam a importância de serem incorporadas as ciências sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia – quando se pensa no ensino de Sociologia. Isso se deve tanto à formação dos licenciados como variedade de temas que se inscrevem em uma ou outra dessas ciências, bem como a continuidade manifesta na relação entre elas, no sentido de construir pontes e não levantar muros (MORAES & GUIMARÃES, p. 10, 2010).

Hoje se experimenta uma espécie de crise do pensamento escolar, onde parece haver um abismo entre as expectativas dos adultos-professores (as) e a dos (as) alunos (as) (DAYREL, 2010; MARTIN-BARBERO, 2011).: de um lado a defesa de uma cultura letrada, linear, autoritária centrado no currículo hegemônico e de outro lado a experiência de outros saberes, linguagens, escrituras que transcendem a oralidade, o som, a imagem e a escrita que circulam pela sociedade, presentes nas sociabilidades dos(as) jovens. Nesse sentido, busca-se aproximar adultos e jovens do Ensino Médio a partir do desenvolvimento de estratégias comunicativas que permitam tanto problematizar os referenciais identitários juvenis quanto exaltá-los enquanto possibilidades de expressão, ampliadas e refletidas pelo olhar sociológico, a partir do uso de tecnologias e do desenvolvimento estético propiciado pela imersão num universo das produções audiovisuais.

2. Orientações Teórico-Metodológicas

Do ponto de vista de uma práxis pedagógica que considera os (as) alunos (as), no caso os (as) adolescentes do nível médio, como constituintes dos saberes para e sobre ele (a) produzido (as), parte-se da definição de escola e seu campo do currículo como um espaço de produção (e de contestação) de conhecimentos, cujo propósito consiste em

(...) habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer poder com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovam o fortalecimento do poder social e demonstrem as possibilidades de democracia (GIROUX & MCLAREN, 1995, p. 95).

Nessa mesma linha, no caso específico do (a) professor (a) de Sociologia, compreende-se que este consiste num intelectual e produtor (a) de saberes sobre sua prática, sua escola, seus (suas) alunos (as) e sua disciplina e que o (a) estudante é sujeito parte integrante do processo de construção desse conhecimento. Portanto, é de fundamental importância que sejam trabalhados padrões mínimos de procedimentos de pesquisa que devem ser utilizados para que o resultado deles possa ter alguma valia no entendimento do fenômeno observado (MORAES; GUIMARÃES, 2010).

Nas interconexões entre os campos das ciências sociais e da educação, emergem os estudos de currículo como arena política (MOREIRA; SILVA, 2009) os quais levantam questões sobre a pertinência de determinadas práticas pedagógicas, os diferentes saberes que povoam o cotidiano escolar e as problemáticas, tensas e contraditórias relações entre os sujeitos, já que a escola configura-se enquanto espaço coletivo de construção de conhecimentos.

No entanto, Dayrel (2010) chama a atenção para a relação conflitante entre professores (as) do Ensino Médio, em especial os (as) de Sociologia e os (as) jovens estudantes, no sentido deste último não ser “levado a sério”: não sendo considerado como interlocutor (a) válido, desestimulando sua participação e seu protagonismo. Do outro lado, a queixa dos (as) professores (as) aponta para “uma postura de desesperança em relação às possibilidades educativas da escola, numa descrença no jovem aluno e na sua capacidade e interesse de aprendizagem” (p. 66). Ainda nas palavras do autor: “Dessa forma, evidencia-se uma dupla tensão envolvendo a juventude. Uma mais ampla, do mundo adulto com os jovens contemporâneos, e outra mais específica desses mesmos jovens com a escola, ambas demandando uma maior compreensão” (idem). Ao apontar para essa tensão, conclama-se um aprofundamento empírico das culturas juvenis, o que implica o desenvolvimento de estratégias de aproximação junto a esses grupos, cuja iniciativa e estratégia decorreriam da prática refletida do (a) professor (a)-pesquisador (a). Assim, além de estudar quem são, o que pensam e o que querem, os (as) professores (as) de Sociologia propõem (re) pensar coletivamente alguns importantes referentes de suas culturas e formas de expressão identitárias.

Ainda que não seja nosso objetivo aqui lançar mão dos estudos sobre as culturas juvenis³ com a profundidade merecida, interessa destacar sua dimensão histórico-social e como tal dinâmica, flexível e heterogênea. Nesse ponto de vista, o (a) jovem é visto enquanto sujeito social, com destaque à sua dimensão multicultural, onde são atravessadas e combinadas outras categorias como etnia, geração, raça, religião, classe social e gênero. Daí a importância de mapear o meio sócio-cultural, fazer uso da etnografia a fim de aprender a representativa de tais categorias na realidade sócio-cultural em questão.

Numa análise sobre as culturas juvenis nas cidades, Oliveira (2006) as caracteriza como marcadas pelas experiências propiciadas pelas novas tecnologias, as quais atuam não apenas como instrumento, mas como forma de expressão e de criação. Essas percepções são geradoras de inovadoras formas de sensibilidade que redefinem as sociabilidades juvenis.

Na perspectiva da presença das mídias, Sarlo (2000) pensando a relação dos(as) jovens com a televisão observa o enfraquecimento da experiência com a imagem, de forma a perder sua intensidade pela rapidez com que é manipulada. A televisão é uma atração sustentada na velocidade e o *zapping* confere liberdade ao espectador, exercido com rapidez no enlaçamento das imagens, num modelo de sintaxe submetida à autoridade do desejo à frente à mão. Para Martin-Barbero (apud OLIVEIRA, 2006) as mudanças inauguradas pela experiência com o *zapping* marcam as novas formas de experimentar, socializar-se e conceber as noções de tempo e espaço. Trata-se das experiências do

³ Para um aprofundamento teórico sobre a juventude ver: Pais (1993), Margulis (2000) e Dayrell (2005)

fluxo, da instantaneidade e da simultaneidade que fundem os tempos num constante culto ao presente. O importante deixa de ser o “estar reunido” para o “estar conectado”. “A experiência do fluxo tão presente no *continuum* das imagens da televisão, apresenta-nos agora uma nova continuidade: as das redes e circuitos, a dos conectados” (idem, p. 250). O que interessa desta discussão é a abertura que essas novas tecnologias propiciam para a alta interatividade, já que as tecnologias do século XX (cinema, rádio, TV) têm como característica a baixa interatividade tecnológica, já os suportes digitais mais recentes oferecem a interatividade como elemento constituinte das suas formas e conteúdos. Por consequência, as experiências juvenis favorecem novas formas de produção audiovisual como produtos híbridos, elaborados, numa convergência de linguagens.

Uma das maiores angústias vivenciadas nas escolas tem a ver com o que Martin-Barbero e Rey (2001) chamam de des-ordem na cultura, introduzida pela experiência audiovisual. Esta por sua vez atenta fundamentalmente contra o tipo de representação e de saber consagrados pela cultura letrada. O primeiro na história deste entrave cultural foi justamente o cinema, dizem os autores.

O cinema fazia parte do crescimento do sentido para o igual no mundo, o qual estava triturando a aura da arte, que era o eixo do que as elites tenderam a considerar cultura (...). Porém domesticada essa força subversiva do cinema pela indústria de Hollywood que expandiu sua gramática narrativa e mercantil no mundo inteiro, a Europa reintroduzirá, nos anos de 1960, uma nova legitimidade cultural, a do “cinema do autor”, recuperando o cinema para a arte e distanciando-o definitivamente da mídia que, nesses mesmos anos, fazia sua entrada na cena mundial: a televisão (p. 33)

As mídias dialogam entre si compondo mosaicos e bricolagens imagéticas, tal experiência tem definido as culturas juvenis na contemporaneidade, no entanto o que interessa particularmente é o cinema concebido enquanto forma de expressão, linguagem. Não existe uma teoria do cinema universalmente aceita. Para Turner (1997), o cinema não reflete nem registra a realidade como qualquer outro meio de representação. Em verdade ele constrói e reapresenta seus quadros da realidade por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias da cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação.

Na esteira do trabalho desenvolvido por Fresquet (2010) no campo da infância e do cinema, nos interessa igualmente abordar o cinema como experiência. Ismail Xavier (2003) afirma que a experiência do cinema constitui provavelmente a matriz fundamental de processos que ocupam na atualidade o(a) pesquisador(a) dos meios ou o(a) intelectual que interroga a modernidade e pensa as questões estéticas de nosso tempo. Em suas palavras:

A preocupação do cinema como dado novo de percepção, como técnica nova que, por isto mesmo, deve ser o lugar da construção de um novo olhar e de uma nova linguagem (...). É aí, na definição de programas dos poetas cineastas, que a concepção do cinema como experiência inaugural se radicaliza. O cinema feiticeiro, anticartesiano, de Epstein; o cine-olho, fábrica-de-fatos, de Vertov; o cinema intelectual, da montagem de atrações e do monólogo interior, de Eisenstein; o cinema visionário, da câmera como extensão do corpo e do olhar que supera os limites definidos pela cultura de Brakhage; o cinema como instrumento de poesia e do maravilhoso, dos surrealistas; estes são exemplos de um pensar e fazer cinema que reivindica o direito a experimentar negado pela indústria, que convoca a uma ampliação da aventura da nova percepção, sem as amarras do código vigente. (2003, p. 12)

O cinema, concebido como uma produção audiovisual privilegiada deixa de ser simples recurso para pensar as realidades sociais, no caso específico dos objetivos do ensino de Sociologia nas escolas, para tornar-se importante ferramenta comunicacional. Para tanto, objetiva-se proporcionar junto aos (às) alunos (às) do Ensino Médio momentos de reflexão coletiva e desenvolvimento de fruição estética, em todas as potencialidades do uso e leitura dos filmes.

A potencialidade formativa da produção de um audiovisual envolve tanto as diversas dimensões do cinema (cognitiva, psicológica, estética, social) em seus diferentes momentos (pré-produção, produção e pós-produção), como as diversas práticas educativas e culturais que configuram uma experiência teórica, prática, reflexiva e estética. Ou seja, entender a potencialidade do cinema como instituição, dispositivo e linguagem, ampliar repertórios culturais, desencadear novas sensibilidades e fazer audiovisual na escola, implica uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional. (FANTIN, p. 6, 2007)

Nesse sentido, propõe-se a realização de projetos no contexto do ensino de Sociologia que num primeiro momento busquem problematizar as realidades socioculturais dos (as) estudantes, fazendo uso de filmes que principalmente suscitem a problemática da condição juvenil na contemporaneidade. Tal estratégia permitirá discuti-la a luz das novas experiências atravessadas pelas tecnologias e pela cultura da imagem, indo de encontro à problemática das especificidades locais. O levantamento de tais filmes poderá ser realizado em conjunto entre o (a) professor (a) de Sociologia e os (as) próprios (as) alunos (as). Há algumas sugestões de antemão que podem ser incorporadas ou não, dependendo dos (as) interesses envolvidos (as), ao final deste artigo, com uma breve sinopse.

Tendo em vista algumas possíveis metodologias de ensino, destacam-se sugestões de temas, conceitos e/ou teorias (BRASIL, 2006) a serem utilizados na análise e interpretação desses filmes no contexto da disciplina de Sociologia, de modo a relacioná-los às identidades juvenis do público em questão. É importante ressaltar que o uso do filme implica também uma investigação sobre suas condições de produção, um levantamento das críticas realizadas, um breve histórico de seus produtores (as) e autores (as) entre outras informações relevantes que contextualizam o filme. Tais filmes, em conformidade com o (a) professor (a) da disciplina, poderiam ser exibidos no momento

mesmo da aula, com promoção de debates e realização de atividades e/ou resenhas críticas que poderiam ser problematizados à luz do pensamento sociológico.

Durante todo o processo, os adultos envolvidos, a saber, os (as) professores (as), estariam atentos(as) às expressões das culturas juvenis, já que conforme atribui Oliveira (2006)

Os jovens, de forma mais marcante ainda, constroem e expressam sua identidade com base nas complexas escolhas de consumo simbólico que estão a sua disposição como num excitante hipermercado de imagens, símbolos, territórios, ideologias, referências, modas, objetos, bebidas, comidas etc. Essas identidades, assim, são narrativas que se articulam por meio do consumo e da produção culturais. Na sociedade contemporânea, os indivíduos fazem parte de vários grupos, aos quais acham-se ligados por mecanismos de projeção e identificação nos mais diversos sentidos (OLIVEIRA, 2006, p. 254)

Realiza-se destarte um esforço em compreender o mundo imaginário dos (as) jovens, sua linguagens, formas de expressão, no sentido de incorporar suas práticas no cotidiano das práticas escolares, com destaque às particularidades locais, e ponderar junto aos (às) mesmos (as) a influência da cultura mercadológica.

Após serem lançadas essas sugestões e problematizações dos primeiros filmes, os (as) adolescentes seriam instigados (as) a fazerem o mesmo: proporem filmes e reflexões sociológicas. Nesse horizonte, novas discussões seriam lançadas tendo em vista o exercício do estranhamento e da desnaturalização tanto do processo de produção desses filmes quanto das ideologias e representações trazidas em suas narrativas. Simultaneamente, será possível desenvolver uma estética do olhar, dada no plano do coletivo a partir da discussão da relação que se estabelece entre a enunciação de um sistema de significados e a intuição artística (SORLIN *apud* FANTIN, 2011).

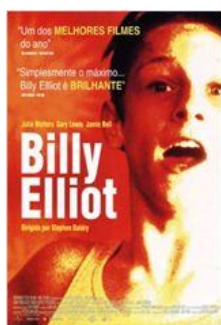
Após um contato com diferentes estilos de produções fílmicas, finalmente será possível vislumbrar novos usos, como propostas de oficinas de produção de vídeos, a partir do uso de tecnologias acessíveis aos (às) jovens. A ideia aqui, por exemplo, é que os (as) mesmos (as) constituam-se como co-produtores (as) culturais, a partir de um amadurecimento ético e estético das produções audiovisuais decorrente das etapas anteriores. O intuito é que nessa etapa, a partir da amostragem de várias técnicas simples, como produção de *stop motion* com máquina fotográfica ou filmes de um minuto, os (as) jovens sintam-se à vontade para expressarem-se através de seus referentes e simbologias de identidades culturais, numa atmosfera de criação e valorização da diversidade cultural étnica, de gênero, de raça, de classe, de geração, de localidade entre outros.

Quanto ao ensino de Sociologia, busca-se ampliar os conhecimentos no desenvolvimento de pesquisas que permitam a compreensão ampla e rigorosa da realidade social em jogo, com ênfase na problematização das mídias e das culturas juvenis. No tocante a educação voltada à produção

audiovisual, pretende-se que sejam desenvolvidas as seguintes habilidades e dimensões cognitivas junto aos sujeitos envolvidos, adultos e adolescentes: criticidade, criatividade, iniciativa, reflexividade, alfabetização audiovisual, concepção histórico-social entre outros. O objetivo é que os (as) jovens do Ensino Médio tanto se tornem receptores críticos bem como se sintam motivados (as) a tornarem-se também produtores culturais audiovisuais, partindo do primado da educação para os meios: “a criação de lugares onde os participantes possam explorar e se aproveitar das funções estéticas, rituais, éticas e ideológicas dos meios para a mudança social e cultural” (TODA; TERRERO, 2011, p. 151), atendendo assim as demandas da escola transformadora por que se pensa sociologicamente.

Assim, com a atenção voltada às culturas juvenis, tomando como ponto de partida os filmes que tratam a temática, desenvolve-se uma proposta de educar pela pesquisa, aliando os interesses e os saberes dos diferentes sujeitos envolvidos, a partir de suas especificidades. A proposta defendida por Demo (2011), parte da convicção de que a educação pela pesquisa é a marca própria da educação escolar e acadêmica, ou seja, ambas devem constituir um mesmo processo: educação pela pesquisa e pesquisa pela educação. Nesse sentido, a educação escolar faz-se e refaz-se na e pela pesquisa, o que permite ressignificar as práticas pedagógicas quanto ao seu propósito e finalidade educacionais, tendo os(as) jovens como seu ponto de partida e chegada, isto é, parceiros(as) ativos(as) nessa jornada.

I. ANEXO - Dicas de filmes a serem problematizados com os(as) jovens no contexto do ensino de Sociologia



Billy Elliot, 1999, Reino Unido, Direção: Stephen Daldry

Sinopse: Billy Elliot (Jamie Bell) um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, ao qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé (Julie Walters), que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se

dedicar de corpo e alma dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai sua nova atividade.

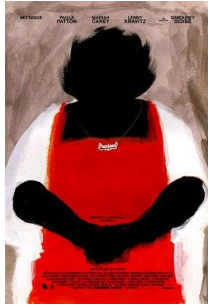
Temáticas sociológicas: juventude na contemporaneidade, questões de gênero (masculinidades), relações capitalistas, sindicatos



The Educators, 2003, Alemanha, Direção: Hans Waigartner

Sinopse: Jan (Daniel Brühl) e Peter (Stipe Erceg) são dois jovens que acreditam que podem mudar o mundo. Eles se auto-denominam "Os Educadores", rebeldes contemporâneos que expressam sua indignação de forma pacífica: eles invadem mansões, trocam móveis e objetos de lugar e espalham mensagens de protesto. Jule (Julia Jentsch) é a namorada de Peter, que está passando por problemas financeiros e, por causa deles, está saindo de seu apartamento alugado. Tempos atrás Jule se envolveu em um acidente de carro, que destruiu o carro de um rico empresário. Condenada pela justiça, ela precisa pagar um novo carro no valor de 100 mil euros, o que praticamente faz com que trabalhe apenas para pagar a dívida que possui. Como Peter viaja para Barcelona, Jan vai ajudá-la na mudança. Eles se conhecem melhor e Jan termina por contar a ela a verdade sobre os Educadores. Empolgada com a notícia, Jule insiste que ela e Jan invadam a casa de Hardenberg (Burghart Kloubner), o empresário que a processou. Após uma certa resistência, Jan concorda. Na casa eles agem como os Educadores, mudando os móveis de lugar, mas cometem um grave erro: Jule esquece no local seu celular. No dia seguinte, com Peter já tendo retornado da viagem mas sem saber do ocorrido, Jan e Jule decidem invadir novamente a casa de Hardenberg, para recuperar o celular. Porém o que eles não esperavam era que o empresário os surpreendesse dentro da casa, o que os força a sequestrá-lo.

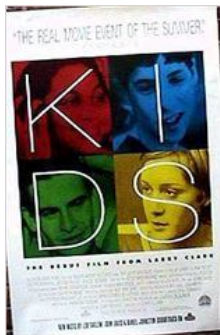
Temáticas sociológicas: juventude, utopias, ideologias, violência



Preciosa: uma história de esperança, 2010, EUA, Direção: Lee Daniels

Sinopse: 1987, Nova York, bairro do Harlem. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo'Nique), ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco. Além disto, Preciosa tem um filho apelidado de "Mongo", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A sra. Lichtenstein (Nealla Gordon) consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação.

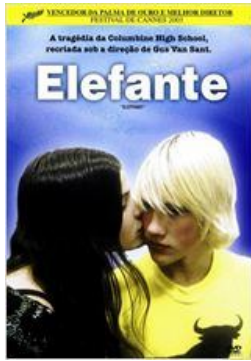
Temáticas sociológicas: Juventude, violência doméstica, questões de gênero, ideologia dominante, desigualdade social, exclusão social



Kids, 1995, EUA, Direção: Larry Clark

Sinopse: Nova York serve de cenário para mostrar o conturbado mundo dos adolescentes, que indiscriminadamente consomem drogas e quase nunca praticam sexo seguro. Um garoto, que deseja só transar com virgens, e uma jovem, que só teve um parceiro mas é HIV soropositivo, servem de base para tramas paralelas, que mostram como um adolescente pode prejudicar seriamente sua vida.

Temáticas sociológicas: Conflitos adolescentes, drogas, sociabilidades, geração



Elefante, 2003, EUA, Direção: Gus Van Sant

Sinopse: Um dia aparentemente comum na vida de um grupo de adolescentes, todos estudantes de uma escola secundária de Portland, no estado de Oregon, interior dos Estados Unidos. Enquanto a maior parte está engajada em atividades cotidianas, dois alunos esperam, em casa, a chegada de uma metralhadora semi-automática, com altíssima precisão e poder de fogo. Munidos de um arsenal de outras armas que vinham colecionando, os dois partem para a escola, onde serão protagonistas de uma grande tragédia.

Temáticas sociológicas: Conflitos adolescentes, utopia, violência, identidade, papel da escola



Entre os muros da escola, França, 2008, Direção: Laurent Cantet

Sinopse: François Marin (François Bégaudeau) trabalha como professor de língua francesa em uma escola de ensino médio, localizada na periferia de Paris. Ele e seus colegas de ensino buscam apoio mútuo na difícil tarefa de fazer com que os alunos aprendam algo ao longo do ano letivo. François busca estimular seus alunos, mas o descaso e a falta de educação são grandes complicadores.

Temáticas sociológicas: Adolescência, diversidade cultural, escola e exclusão social, ideologia, violência

3. Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações curriculares do Ensino Médio*. Brasília, DF, 2006.

BORELLI, S. Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações: a propósito de Harry Potter. In BORELLI, S. & FILHO, J. F. (org). *Culturas Juvenis no Século XXI*. São Paulo: Educ, 2008

BUCKINGHAM, David. *After The Death Of Childhood: Growing Up In The Age Of Electronic Media*. Londres: Polity Press, 2000

DAYRELL, J. Juventud, grupos culturales y sociabilidad. *Jovenes: Revista de Estudios sobre Juventud*, Mexico, DF, n. 22, p. 128-147, 2005

_____. J. A juventude no contexto do ensino de sociologia: questões e desafios. In *Sociologia: ensino médio /* Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 15)

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. 9ª Ed. Revista. Campinas/SP: Autores Associados, 2011

FANTIN, Monica. *Mídia-educação e Cinema na Escola*. Revista TEIAS: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007

FRESQUET, A. *Cinema, infância e educação*. Trabalho apresentado na Anped 2010

GIROUX, H. & McLAREN, P. Formação do professor como uma esfera contrapública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, A. F. B. & SILVA. T. T. *Currículo, cultura e sociedade*. 3a ed. São Paulo: Cortez, 1995

FANTIN, M. *Crianças, cinema e educação: além do arco-íris*. São Paulo: AnnaBlume, 2011

MARGULIS, Mário. La juventud es más que una palabra. In: _____ (Org.) *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2000.

MARTIN-BARBERO, J. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação In CITELLI, A.O. & COSTA, M.C. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011

MOREIRA, Antonio & SILVA, Tomaz Tadeu. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma introdução In *Currículo, cultura e sociedade*. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2009

MORAES, A., GUIMARAES, E.; TOMAZI, N.. Sociologia. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Ensino Médio. *Orientações Curriculares do Ensino Médio*. Brasília,DF, 2004. p. 343-372.

_____. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia In *Sociologia: ensino médio /* Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MOREIRA, Antonio & SILVA, Tomaz Tadeu. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma introdução In *Currículo, cultura e sociedade*. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2009

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda,

1993.

OLIVEIRA, R.C.A. Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico IN FREITAS, M.C. (org) *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo: Cortez, 2006

OLIVEIRA, Roberto. Olhar, ouvir, escrever In *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1998

REIS, C.E. A formação pedagógica para as licenciaturas. In SEARA, I.C Et alli (org) *Práticas pedagógicas e estágio: diálogos com a cultura escolar*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008

RIVOLTELLA, P. C. *Screen generation: gli adolescent e le prospettive dell'educazione nell'et' dei media digitali*. Milano: Vita e Pensiero, 2006

SARLO, B. *Cenas da Vida Pós-Moderna: Intelectuais, Arte e Vídeo-Cultura na Argentina*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000

SILVA, I. O ensino de sociologia/ciências sociais no Brasil: história e perspectivas In *Sociologia: ensino médio*/Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

304 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 15)

STEINBERG, Shirley & KINCHELOE, Joe (org). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

TODA, J.M. & TERRERO, S. Avaliação de metodologias na educação para os meios. IN CITELLI, A.O. & COSTA, M.C. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011

TURNER, G. *O cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997

VELHO, G. Observando o Familiar In *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

XAVIER, I. (Org.) *A experiência do cinema*. São Paulo: Graal, 2003.